

VOCÊ CONHECE O QUE DIZEM AS 95 TESES QUEDERAM INÍCIO À REFORMA PROTESTANTE?

Em 31 de Outubro de 1517, Martinho Lutero afixou um texto na porta da capela de Wittemberg. **Eram 95 teses que gostaria de discutir com os teólogos católicos, as quais versavam principalmente sobre penitência (arrependimento), indulgências e a salvação pela fé.** O evento marcou o início da Reforma Protestante e representa um marco para a recuperação das sãs doutrinas. Este é a tradução do texto original:

1. Ao dizer: 'Fazei penitência'¹ etc., nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse penitência.
2. Esta expressão não pode ser entendida no sentido do sacramento da penitência (isto é, da confissão e satisfação celebrada pelo ministério dos sacerdotes).
3. Ela também não se refere apenas a uma penitência interior; sim, ela não seria penitência se externamente não produzisse toda sorte de mortificações da carne.
4. Por isto a pena também perdura enquanto houver o ódio da pessoa contra si mesma (isto é, a verdadeira penitência interior), ou seja, até a entrada para o reino dos céus.
5. O papa não quer nem pode dispensar de quaisquer penas senão daquelas que ele impôs por decisão própria ou dos cânones.
6. O papa não pode fazer cessar culpa alguma, senão declarar e confirmar que ela foi perdoada por Deus. Além disso, ele pode sem dúvida remiti-la nos casos reservados para si; se estes forem desprezados, a culpa permanecerá por inteiro.
7. Deus não perdoa a culpa de quem quer que seja, sem que se sujeite em completa humildade ao sacerdote como a seu substituto.
8. Os cânones penitenciais (que são a prescrição do modo de confessar e expiar) são apenas impostos aos vivos; nada se deve impor aos moribundos com base nos mesmos.

9. Por isso o Espírito Santo nos beneficia através do papa, quando este, em seus decretos, sempre exclui a circunstância da morte e da necessidade extrema.
10. Agem mal e sem conhecimento de causa aqueles sacerdotes que ainda reservam aos moribundos penitências canônicas para o purgatório.
11. Essa erva daninha, de se poder transformar a pena canônica em pena do purgatório, foi semeada enquanto os bispos estavam obviamente dormindo.
12. Antigamente se impunham as penas canônicas não depois, mas antes da absolvição, como verificação da verdadeira contrição.
13. Através da morte os moribundos pagam tudo e já estão mortos para as leis canônicas, tendo, por direito, isenção das mesmas.
14. Piedade ou amor² imperfeitos no moribundo necessariamente trazem consigo grande temor, e tanto mais quanto menor for o amor.
15. Este temor e horror por si só já basta (para não falar de outras coisas) para produzir a pena do purgatório, uma vez que estão muito próximos da angústia do desespero.
16. Inferno, purgatório e céu parecem diferir da mesma forma que o desespero, o semi-desespero e a segurança³
17. Tudo indica que é necessário diminuir o horror das almas no purgatório, bem como promover o amor⁴
18. Parece não ter sido provado, nem à base da razão nem da Escritura, que elas se encontram fora do estado de mérito ou da possibilidade de crescimento no amor.
19. Também parece não ter sido provado que as almas no purgatório estejam certas e seguras de sua felicidade, ao menos não todas, mesmo que nós, de nossa parte, tenhamos plena certeza.
20. Portanto, sob remissão plena de todas as penas o papa não entende simplesmente todas as penas, mas somente aquelas que ele mesmo impôs.

21. Erram, portanto, aqueles apregoadores de indulgências que afirmam que a pessoa é libertada e salva de toda pena pelas indulgências do papa.
22. Com efeito, ele não dispensa as almas no purgatório de um único castigo que elas, segundo os cânones (da Igreja), deviam ter saldado nesta vida.
23. Se é que se pode dar algum perdão de todos os castigos a alguém, este se dará somente aos mais perfeitos, isto é, pouquíssimos.
24. Por isso a maior parte do povo está sendo necessariamente ludibriada com essa magnífica e indistinta promessa de absolvição do castigo.
25. O mesmo poder que o papa tem sobre o purgatório de modo geral, todo bispo e cura d'almas também o têm em sua diocese e paróquia em particular.
26. O papa faz muito bem ao dar remissão às almas não pelo poder das chaves (que ele não tem)⁵, mas por meio de intercessão.
27. Pregam doutrina humana aqueles que dizem que, tão logo tilintar a moeda lançada na caixa, a alma sairá voando (do purgatório).
28. Certo é que, ao tilintar a moeda na caixa, pode aumentar o lucro e a cobiça; a intercessão da Igreja⁶, porém, depende apenas da vontade de Deus.
29. E quem é que sabe se realmente todas as almas no purgatório querem ser resgatadas? Diz-se que este não foi o caso com S. Severino e S. Pascoal.
30. Ninguém tem certeza da veracidade de sua contrição, muito menos de haver conseguido plena remissão.
31. Tão raro como o que é penitente de verdade é o que recebe autenticamente as indulgências, ou seja, é raríssimo.
32. Serão condenados em eternidade, juntamente com seus mestres, aqueles que se julgam seguros de sua salvação através de carta de indulgência.
33. Deve-se ter muita cautela com aqueles que dizem serem as indulgências do papa aquela inestimável dádiva de Deus, através da qual a pessoa se reconcilia com Deus.

34. Isso porque aqueles favores das indulgências se referem somente às penas de satisfação sacramental, determinadas por homens.

35. Não pregam cristãmente os que ensinam não ser necessária a contrição àqueles que querem resgatar as almas ou adquirir privilégios confessionais.

36. Qualquer cristão verdadeiramente arrependido tem direito à remissão plena de pena e culpa, mesmo sem carta de indulgência.

37. Qualquer cristão verdadeiro, seja vivo, seja morto, tem participação em todos os bens de Cristo e da Igreja, por dádiva de Deus, mesmo sem carta de indulgência.

38. Mesmo assim a remissão e a participação da mesma pelo papa de forma alguma devem ser desprezadas, porque (como disse) constituem declaração do perdão divino.

39. Até mesmo para os mais doutos teólogos é difícil conciliar, perante o povo, ao mesmo tempo a liberalidade das indulgências e a necessidade de verdadeira contrição.

40. A verdadeira contrição procura e ama os castigos, ao passo que a abundância das indulgências os afrouxa e faz odiá-los, havendo ocasião para tanto.

41. Deve-se pregar com muita cautela sobre as indulgências apostólicas⁷, para que o povo não as julgue erroneamente como preferíveis às demais boas obras de caridade.

42. Deve-se ensinar aos cristãos que não é pensamento do papa que a compra de indulgência possa de alguma forma ser comparada com as obras de misericórdia.

43. Deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências.

44. Ocorre que através da obra de caridade cresce o amor e a pessoa se torna melhor, ao passo que com as indulgências ela não se torna melhor, mas apenas mais livre de castigo.

45. Deve-se ensinar aos cristãos que quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências, obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus.

46. Deve-se ensinar aos cristãos que, se não tiverem bens em abundância, devem conservar o que é necessário para sua casa, e de forma alguma desperdiçar dinheiro com indulgências.

47. Deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é livre, e não constitui obrigação.

48. Deve-se ensinar aos cristãos que o papa necessita mais de orações devotas a seu favor e, portanto, as deseja mais, ao distribuir indulgências, do que o dinheiro que se está pronto a pagar.

49. Deve-se ensinar aos cristãos que as indulgências do papa são úteis, enquanto não depositam nelas a sua confiança, porém muito prejudiciais quando, de posse delas, perdem o temor de Deus.

50. Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa soubesse das extorsões feitas pelos apregoadores de indulgências, ele preferiria reduzir a cinzas a basílica de São Pedro e edificá-la com pele, carne e ossos de suas ovelhas.

51. Deve-se ensinar aos cristãos que o papa estaria disposto — como é seu dever — a dar do seu dinheiro àqueles muitos de quem alguns apregoadores de indulgências extraem arditosamente o dinheiro, mesmo se para isto fosse necessário vender a basílica de São Pedro.

52. Vã é a confiança de salvação conferida pelas cartas de indulgências, mesmo que o comissário⁸ ou até mesmo o próprio papa dessem sua alma como garantia pelas mesmas.

53. São inimigos de Cristo e do papa aqueles que por causa da pregação de indulgências fazem calar por inteiro a Palavra de Deus nas demais igrejas.

54. Ofende-se a Palavra de Deus quando, em um mesmo sermão, se dedica tanto ou mais tempo às indulgências que àquela palavra.

55. A atitude do papa é necessariamente esta: se as indulgências (que são menos importantes) são celebradas com um toque de sino, com pompa e cerimônia, o evangelho (que é o mais importante) deve ser anunciado com uma centena de sinos, pompas e cerimônias.

56. Os tesouros da Igreja, dos quais o papa concede as indulgências, não são suficientemente mencionados nem conhecidos junto ao povo de Cristo.

57. Os tesouros da Igreja, com certeza, não devem ser de natureza temporal, senão muitos dos pregadores de indulgências não os distribuiriam com tanta facilidade, antes apenas ficariam a ajuntá-los.

58. Tampouco consistem eles nos méritos de Cristo e dos santos, pois estes sempre operam, sem o papa, a graça para o homem interior e ao mesmo tempo a cruz, a morte e o inferno para o homem exterior.

59. Lourenço disse que os pobres da Igreja são os tesouros da mesma, empregando, no entanto, a palavra como era usada em sua época.

60. Não exageramos ao dizer que as chaves da Igreja, que lhe foram proporcionadas pelos méritos de Cristo, constituem este tesouro.

61. Pois está claro que, para a remissão dos castigos e para a absolvição em determinados casos⁹, o poder do papa por si só é suficiente.

62. O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus.

63. Este tesouro, entretanto, é muito odiado, e com razão, porque faz com que os primeiros sejam os últimos.

64. Em contrapartida, o tesouro das indulgências é com razão o mais benquisto, pois faz dos últimos os primeiros.

65. Por esta razão os tesouros do evangelho foram as redes com que outrora se pescavam os homens de grandes riquezas.

66. Os tesouros das indulgências, por sua vez, são as redes com que hoje se pesca a riqueza dos homens.

67. As indulgências apregoadas pelos seus vendedores como sendo a mais sublime graça, realmente podem ser entendidas como tal, na medida em que dão boa renda.

68. Estas são, entretanto, as graças mais ínfimas, se comparadas com a graça de Deus e a devoção à cruz

69. Os bispos e curas d'almas têm a obrigação de admitir com toda reverência os comissários de indulgências apostólicas.

70. Têm, porém, a obrigação ainda maior de observar com os dois olhos e atentar com ambos os ouvidos para que esses comissários não preguem os seus próprios sonhos, em lugar do que lhes foi incumbido pelo papa.

71. Quem fala contra a verdade das indulgências apostólicas, seja excomungado e maldito.

72. Aquele, porém, que se empenhar zelosamente contra a devassidão e licenciosidade de palavras do pregador de indulgências, seja bendito.

73. Assim como o papa com razão fulmina aqueles que de alguma forma procuram defraudar o comércio das indulgências,

74. Muito mais deseja fulminar aqueles que, a pretexto das indulgências, defraudam a santa caridade e verdade.

75. A opinião de que as indulgências papais são tão eficazes a ponto de absolver um homem que tivesse violentado a mãe de Deus, caso isso fosse possível, é loucura.

76. Em contrapartida, afirmamos que as indulgências papais não podem anular sequer o menor dos pecados veniais no que se refere à sua culpa.

77. A afirmação de que nem mesmo S. Pedro, caso fosse o papa atualmente, poderia conceder maiores graças, é blasfêmia contra São Pedro e o papa.

78. Afirmamos, ao contrário, que também este ou qualquer outro papa tem graças maiores a dar, quais sejam: o evangelho, as virtudes espirituais, os dons de curar, etc., como está escrito em 1 Coríntios 12.

79. Dizer que a cruz com as armas do papa, altivamente erguida¹⁰, se equipara à cruz de Cristo, é blasfêmia.

80. Terão que prestar contas de sua atitude os bispos, curas d'almas e teólogos que permitem que semelhantes conversas sejam difundidas entre o povo.

81. Esta licenciosa pregação de indulgências faz com que não seja fácil, nem para homens doutos, defender a dignidade do papa contra calúnias ou perguntas, sem dúvida argutas, dos leigos.

82. Por exemplo: Por que o papa não evacua o purgatório, por santíssimo amor às almas e pela suprema necessidade das mesmas, sendo esta de todas as causas a mais justa, já que ele redime inúmeras almas por meio do tão miserável dinheiro para a construção da basílica, que constitui uma causa tão insignificante?

83. Ou: Por que se mantêm as missas em prol dos defuntos e a memória dos aniversários de falecimento e não se restitui ou se permite que se recebam de volta as doações efetuadas em favor deles, quando já não é justo orar pelos redimidos?¹¹

84. Ou: Que nova piedade, de Deus e do papa, é esta, que se permita ao ímpio e inimigo¹² redimir uma alma piedosa e amiga de Deus mediante dinheiro em vez de redimir por amor esta mesma alma piedosa e diletta gratuitamente?

85. Ou: Estando os preceitos penitenciais em si já de há muito revogados e mortos de fato por desuso, por que razão são eles assim mesmo pagos com dinheiro, pela concessão de indulgências, como se ainda estivessem em pleno vigor?

86. Ou: Por que o papa, cuja fortuna hoje é maior que a do riquíssimo Crasso¹³, não constrói com seu próprio dinheiro, ao invés do dinheiro de seus pobres fiéis, ao menos esta basílica de São Pedro?

87. Ou: O que é que o papa perdoa e concede àqueles que pelo arrependimento completo têm direito ao pleno perdão e às bênçãos?¹⁴

88. Ou: Que benefício maior se poderia proporcionar à Igreja, se o papa, como agora o faz uma vez¹⁵, concedesse estas remissões e bênçãos cem vezes ao dia a qualquer dos fiéis?

89. Já que com as indulgências ele procura mais a salvação das almas do que o dinheiro, por que suspende ele as cartas de indulgências outrora já concedidas, se são igualmente eficazes?

90. Rebater estes muito perspicazes argumentos dos leigos somente pela força e sem motivos razoáveis, significa expor a Igreja e o papa à zombaria dos inimigos e desgraçar os cristãos.

91. Se, portanto, as indulgências fossem apregoadas em conformidade com o espírito e a opinião do papa, estas objeções poderiam ser facilmente dissipadas e nem mesmo teriam surgido.

92. Fora, pois, com todos esses profetas que dizem ao povo de Cristo “Paz, paz!” sem que haja paz!

93. Abençoados, porém, sejam todos os profetas que dizem ao povo de Cristo “Cruz! cruz!”, sem que haja cruz!

94. Admoestem-se os cristãos a que procurem seguir sua cabeça, Cristo, através de penas, da morte e do inferno.

95. E assim confiem entrar no céu passando antes por muitas tribulações do que pela segurança da paz infundada

NOTAS

[1] Mateus 4.17: “Daí em diante Jesus começou a pregar: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo”.

[2] Sc. amor a Deus.

[3] Sc. da salvação.

[4] Sc. amor a Deus.

[5] Sc. para este fim.

[6] Isto é, sua aceitação.

[7] Isto é, papais.

[8] Comissário era o incumbido da pregação de indulgências, no caso, Alberto de Mogúncia.

[9] Cf. tese 6.

[10] Sc. nas igrejas.

[11] Sc. redimidos por indulgências.

[12] Sc. de Deus.

[13] Referência a Marco Licínio Crasso, protótipo do homem rico na Antiguidade.

[14] Cf. teses 36 e 37.

[15] Nas cartas de indulgência constavam as seguintes palavras: “Uma vez na vida e em caso de morte”.